

Toda a Palestina está atrás das grades



Betlém, a 17 de Abril: as tropas de ocupação israelitas dispersam, usando granadas de gás lacrimogéneo, os manifestantes palestinianos que se tinham concentrado em apoio aos prisioneiros grevistas da fome.

A 10 de Maio, os mais de 1500 Palestínianos presos nos cárceres israelitas iniciaram o seu 24º dia de greve da fome. Este movimento junta prisioneiros pertencentes a todos os partidos e facções de toda a Palestina: Fatah, Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), Jihad Islâmica, Hamas, Partido do Povo, etc.

Após as medidas de dispersão dos grevistas da fome pelas prisões de todo o país, conjugadas como isolamento e a humilhação, esses prisioneiros estão agora confrontados com a decisão do Governo de Ihes impor uma alimentação forçada. As Autoridades penitenciárias israelitas pedem aos hospitais que se preparem para receber dezenas de prisioneiros, cujo estado de saúde está degradado. E como as Associações médicas israelitas se opõem a essa medida bárbara e inumana – que o Supremo Tribunal do Estado de Israel considerou legal – as Autoridades pretendem pedir a médicos estrangeiros que procedam a essa alimentação forçada. O Movimento dos prisioneiros publicou, a 6 de Maio, uma Declaração apelando à mobilização.

«Estamos conscientes da gravidade da situação actual, preparada pelos fascistas do governo de Telavive. Neste contexto, pedimos:

- *Após vinte dias de greve da fome e a entrada dos prisioneiros numa fase perigosa que lhes pode ser fatal, fazemos agora um apelo a uma semana de cólera de todas as componentes do povo palestiniano, no interior da pátria e no exílio, semana na qual – nas cidades e aldeias palestinianas – o nosso povo dirigirá a sua lava e os seus vulcões de cólera sobre os locais de confronto com o ocupante. Isto significa, também, a continuação das manifestações, dos desfiles, dos sit-in [ocupações de lugares públicos - NdT], das marchas em direcção às tendas para apoiar os prisioneiros, e o cerco das Embaixadas do ocupante em todo o mundo;*
- *Pedimos à Autoridade Palestiniana que ponha fim, de imediato, à coordenação securitária com o ocupante. Estamos na hora da confrontação nacional e da acção;*

- *Apelamos ao lançamento, pelos sindicatos dos médicos palestinianos e árabes, de uma vasta campanha internacional de alerta contra os médicos que aceitem participar no crime de alimentação forçada dos prisioneiros.»*

Os dirigentes da Autoridade Palestiniana – obstinados no prosseguimento da cooperação securitária com o Estado de Israel – não organizam a mobilização em massa, embora desde o início da greve esteja a haver, todos os dias, manifestações, marchas e ocupações em Ramallah, em Nablus, em Betlém, em Gaza e na maior parte dos campos de refugiados.

Gaza é uma prisão a céu aberto. A Cisjordânia – segmentada em três zonas (A, B e C) – é igualmente uma prisão, com centenas de barreiras de controlo militares e portões de aço, com imponentes fortificações das Forças Armadas israelitas e o vergonhoso Muro de Anexação. Jerusalém-Este está separado da Cisjordânia e os Palestinos da Cisjordânia estão separados uns dos outros. Os Palestinos que permanecem no interior das fronteiras de 1948 vivem numa situação de *apartheid* quotidiano. Os refugiados palestinianos estão prisioneiros nos seus “campos de refugiados”.

A Palestina, no seu conjunto, está colocada atrás das grades.

Simon Kramer